

COMO SEREI QUANDO FOR PROFESSORA: A CONSTITUIÇÃO DO “SUJEITO DOCENTE” NA REVISTA OESTE

Jael Flávia de Paiva Araújo 1

Silvair Félix dos Santos 2

1 Graduada em História e discente do curso de Especialização Lato Sensu em Linguagens e Educação Escolar do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

2 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de CSEH/UEG.

Resumo:

A *Revista Oeste Mensal* é um periódico que percorreu o Estado de Goiás de junho de 1942 até 1945. Neste contexto, em que estava em vigor o governo ditatorial de Getúlio Vargas, conhecido popularmente como Estado Novo, a *Revista Oeste* serviu como a imprensa oficial do Estado e foi fiscalizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Vários foram os temas tratados em suas páginas, como política, economia, educação, assistencialismo, educação e, principalmente literatura. Entre os intelectuais que colaboraram para a revista destacam-se: Bernardo Élis, que considera a *Revista Oeste* como o batismo cultural de Goiânia/GO, os irmãos Hugo de Carvalho Ramos e Vitor de Carvalho Ramos, o professor José Bernardo Félix de Sousa, e as escritoras Nelly Alves de Almeida e Marilda Palínia, pseudônimo de Maria Paula Fleury de Godoy, entre outros. Este artigo propõe entender, por meio da Análise do Discurso (AD) foucaultiana, a construção da identidade do sujeito docente na *Revista Oeste*, analisando primeiramente as tendências educacionais do período por meio de artigos escritos pelas professoras Florací Artiaga Mendes e Amália Hermano Teixeira e, em seguida, dois textos com o mesmo título, *Como Serei Quando for Professora*, escritos por Nair de Barros Amorim e de Inez Godinho, duas estudantes que desejam se tornarem professoras, e que convivem com uma série de medos e de crenças sobre a realidade do ambiente escolar. A partir desta análise poderemos ter maiores informações sobre o modelo educacional da década de 1940 e a sobre a maneira que a profissão docente é idealizada no período.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Identidade Docente. *Revista Oeste*.

Introdução

A *Revista Oeste Mensal* é um veículo de comunicação oficial que percorreu o Estado de Goiás de junho de 1942 até 1945. Publicada em Goiânia, foi dirigida por Zecchi Abraão, Gerson de Castro Costa e Vasco dos Reis Gonçalves. A importância deste periódico pode ser percebida nas considerações de Bernardo Elis o qual o equipara com a Semana de Arte Moderna de Goiás e a tem como o marco do batismo cultural de Goiânia.

As finalidades da *Revista Oeste* era destacar e valorizar a produção intelectual e artística goiana e servir de propaganda para o governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), e para o governo de Pedro Ludovico Teixeira de Almeida, um dos líderes

da Revolução de 1930, interventor de Goiás entre os anos de 1930 até 1933 e de 1937 até 1945, governador do Estado eleito democraticamente entre os anos de 1951 e 1954 e fundador de Goiânia, atual capital estadual de Goiás.

O corpo editorial da *Revista Oeste* era formado por vários escritores renomados, como Bernardo Élis, José Bernardo Félix de Sousa, Hugo de Carvalho Ramos e outros. Importante ressaltar que os artigos enviados para publicação eram analisados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo, podendo ser rejeitado pelo conselho de censura. Mesmo assim, muitos intelectuais de esquerda publicaram em suas páginas, como é ressaltado por Sergio Paulo Moreyra (2001) em seu texto que apresenta a importância da *Revista Oeste* para o Estado de Goiás, publicado em CD-Rom pela Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico (Agepel) juntamente com a versão digitalizada da revista.

Desta forma, é notória a contribuição da *Revista Oeste* para a história de Goiás, pois é ela, uma fonte autêntica e surpreendente. Nela estão presentes vários textos literários e artigos políticos. Mas no que concerne esta pesquisa, buscaremos responder a seguinte questão: Qual é o modelo de sujeito docente idealizado pela *Revista Oeste*?

Para isso, pretende-se entender a partir de uma Análise do Discurso (AD), qual era o modelo educacional idealizado pela revista, a partir de artigos sobre educação escritos por Floracy Artiaga Mendes e Amália Hermano Teixeira para o Estado de Goiás. E em seguida, buscará entender a partir dos textos, que possuem o mesmo nome *Como serei quando for professora*, de Nair de Barros Amorim e de Inez Godinho, a construção da identidade do sujeito docente que está sendo construído, tendo em mente que as duas autoras são estudantes que aspiram tornarem-se professoras.

Referencial Teórico

Michel Foucault (1926- 1984) foi um grande intelectual francês que durante a vida colaborou com diversos estudos para a filosofia e para a história. Tendo contribuído, também, para os estudos linguísticos, a partir de seu legado para a Análise do Discurso (AD). Segundo Alburqueque Júnior (2007), Foucault concebe a história como uma genealogia, já que a tem como o resultado dos embates constantes entre forças e saberes que resultam em acontecimentos. É preciso que o historiador participe do jogo que é a história, e por causa disso, a sua função não é a de encontrar as múltiplas causas do processo histórico, mas é,

sobretudo, compreender a dinâmica dos acontecimentos, ou seja, o desenvolvimento do jogo no qual ele também é participante:

(...) Como a bola de futebol, os objetos e os sujeitos históricos são feitos de múltiplos gomos, da costura, às vezes mal feita e aparente, de diferentes temas, enunciados, conceitos, conteúdos, formas. E todos eles têm furos, rachaduras, por onde sempre ameaça vazar a sua essência de vento. Suas formas enfatuadas e roliças podem, com um simples gesto de corte feito pelo saber do historiador, pela lâmina de sua crítica, tornar-se a lástima de uma bola murcha, traste deixado em escanteio. (ALBURQUEQUE JÚNIOR, 2007, p. 168)

Ao entender a história como um jogo, significa que todos os elementos e sujeitos históricos são indispensáveis para o processo histórico e, por isso, a construção de mitos e heróis é para Michel Foucault uma forma de demarcar domínios de poder:

(...) A história seria fruto das batalhas em torno do poder e da verdade. Em suas ações os homens entrariam em disputas em torno de domínios, sejam políticos, sejam de conhecimento. Nestas disputas, a linguagem representaria uma das principais armas; é através dela que seriam demarcados espaços de poder, campos de atuação, identidades, lugares de sujeito, domínios de objetos; é através dela que se estabeleceriam as aproximações e os distanciamentos, os pactos e as exclusões, os nomes e os silêncios que instituem uma ordem social (...). (ALBURQUEQUE JÚNIOR, 2007, p. 170)

Na Arqueologia do Saber, Michel Foucault (2008) ressalta a importância da história das ideias e da Análise do Discurso. Segundo a sua concepção, as ideias podem demonstrar as imperfeições do processo histórico, nela fica perceptível os jogos de representação, é nas ideias que as linguagens flutuam e se modificam. É uma história em que o saber humano é na verdade opiniões, ou seja, que visa analisar as mentalidades.

Segundo Fernandes (2007), a Análise do Discurso recorre à história para compreender os processos socioideológicos que formam os enunciados, os átomos do discurso segundo Foucault (2008). Os efeitos de sentido que os enunciados podem revelar são capazes de demonstrar os conflitos sociais que existem nos espaços de enunciação dos sujeitos do discurso, explicitando ideologias contrastantes ou convergentes.

Nesta pesquisa, o entendimento dos discursos dos textos jornalísticos *Como Serei Quando for Professora* revelam ideologias e modelos de identidade docente. A formação docente é um dos principais fatores que irá contribuir para que o professor se identifique como um profissional da educação. A construção de um profissional da educação é dividida entre a formação inicial, ou seja, a graduação, e continuada, representada pelas pós-

graduações, as duas juntas é o ideal para o desenvolvimento profissional do docente. Quando se fala em formação docente, Nóvoa (1992) ressalta que é imprescindível que o professor e as instituições reconheçam o profissional como agente e sujeito de sua formação e, desta forma, entenda que a formação tem que ter reflexo em sua prática educativa. A verdadeira formação profissional do professor deve ocorrer durante todo seu trajeto a partir de uma práxis reflexiva que melhore a sua atuação continuamente.

A Análise do Discurso dos textos da *Revista Oeste* é capaz de demonstrar várias características do período, o Estado Novo, e do modelo de formação, além disso, pode significar um novo modo de entender o que significa lecionar, já que é manifestada nos discursos uma declaração de angústias que revelam a precariedade da profissão ainda em uma época que iniciava uma expansão quantitativa, mas também a valorização do professor, que cada vez mais vem desaparecendo nos dias atuais. Para aprofundar nestas discussões, elucidaremos sobre o método utilizado na pesquisa no próximo tópico.

Metodologia

Segundo Norman Fairclough (2001), a Análise do Discurso (AD) de Michel Foucault contribui para a linguística, mas deve ter alguns cuidados, já que não é em todas as circunstâncias que ela pode ser utilizada. Primeiramente, por que há um grande contraste entre a Análise do Discurso textualmente Orientada linguisticamente (ADTO) e a Análise do Discurso proposta por Foucault, que é mais abstrata. O segundo cuidado que se deve tomar ao utilizar o pensamento de Foucault como pressuposto metodológico corresponde à abrangência teórica de Foucault, já que no começo de seus estudos arqueológicos o foco era em compreender os tipos de discursos, em um segundo momento, Foucault em seus estudos genealógicos muda o seu objetivo inicial e tende a buscar entender a relação entre poder e conhecimento, e por fim, em sua fase mais madura, o seu foco era entender a constituição do sujeito moral. Portanto, seu pensamento serve como alicerce para compreender a relação entre discurso e poder, a construção dos sujeitos sociais a partir do discurso e a importância do discurso para o processo de mudança da sociedade.

Discurso pode ser entendido como “(...) uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Desta forma, o discurso está constituído na sociedade e é capaz de moldá-la, a partir dos seus sujeitos e relações sociais, de seus objetos de

conhecimento e também através das estruturas conceituais. O discurso é dinâmico, podendo gerar várias combinações a partir de outras práticas discursivas e do enunciador.

Durante a pesquisa foi feita uma leitura ampla de todos os artigos relacionados a educação afim de identificar quais eram os parâmetros teóricos que os atores que escreviam sobre educação defendiam e qual era a importância desta temática para a *Revista Oeste*. Em seguida foi feita uma seleção de alguns atores, para servir de amostragem na discussão do tema. Por fim, buscamos entender melhor a realidade de duas alunas que desejam se tornar professoras: Nair de Barros Amorim e Inês Godinho. Os textos foram analisados a partir da Análise do Discurso foucaultiana, a qual relaciona sempre o texto com a prática social e com a história, sempre alertando para a natureza política do discurso e a sua relação com o poder.

Resultados e Discussões

A imprensa oficial produz um sistema de disciplinamento a partir do discurso, repassando um efeito de verdade, que pode ser falso, e é capaz de controlar a sociedade por meio da assimilação de micropoderes. É importante perceber, portanto, que a imprensa adota um discurso que defende o poder político vigente, defendendo os interesses governamentais, como a mudança da capital e o governo ditatorial de Getúlio Vargas, o Estado Novo. Da mesma forma, é capaz de caricaturar figuras políticas como Getúlio Vargas, o pai dos pobres, e dona Gercina Borges, esposa de Pedro Ludovico, que é chamada pela *Revista Oeste* como a mãe dos pobres por causa de seu trabalho assistencialista. Com estas táticas, o enunciado é utilizado para aproximar as figuras políticas das camadas mais baixas da população.

No texto *Orientação Vocacional* de Amália Hermano Teixeira, a *Revista Oeste* a autora faz referência a um dos movimentos que emergiram juntamente com a Escola Nova em Goiás, o ruralismo pedagógico. Esta tendência educacional surgiu para invocar a vocação agrícola do Estado de Goiás. Assim como nos núcleos urbanos houve o surgimento da mão de obra técnica especializada, no campo iniciou a capacitação dos trabalhadores rurais para fazer um trabalho mais racionalizado (TANURI, 2000; SAVIANI, 2009).

Já no texto *Amor ao Magistério* de Florací Artiaga Mendes, publicado na mesma edição dos textos de Nair de Barros Amorim e Inês Godinho, é esclarecida a situação do funcionamento do Curso Normal Superior em Goiás, que até o momento não tinha sede própria e nem uma biblioteca, mas a professora Florací Artiaga Mendes ressalta que sempre

utiliza os seus próprios livros para espalhar o “amor” pelo magistério: “(...) não perco oportunidade para pregar o Amor ao magistério, fazendo o panegírico mais inflamado, porque sincero da belíssima carreira imortal de D. João Bosco, Pestalozzi, de Maria Montessori e Decroly...” (OESTE, 2001, p. 878). Neste momento podemos perceber quais eram os pressupostos metodológicos que eram utilizados nas aulas e a sua importância para a formação de novos professores.

Segundo Pestalozzi, o conhecimento é gerado através do próprio aluno, e não do professor, e por isso, a educação deve ser voltada para os interesses e necessidades das crianças. Este teórico acredita que a melhor forma que ocorre o processo de aprendizado é através de experiências desenvolvidas pelo aluno. Desta forma é importante que o aluno desenvolva habilidades e valores a partir do seu contato com o ambiente e com os objetos. Neste tipo de metodologia prevalece a máxima do “aprender fazendo” (OLIVEIRA, 2006).

Na concepção de Dewey, a educação tem como objetivo dar condições à criança de criar meios para a resolução de seus problemas. Neste sentido a educação e os seus conteúdos devem ser pautados segundo as necessidades do estudante. Além disso, Dewey defendia que as questões estudadas seriam relevantes para o aluno no momento em que fossem encontradas para ser resolvidas de modo prático. No momento em que o problema fosse encontrado o aluno entenderia a importância de ter esforço e disciplina para resolvê-lo. A escola, segundo este teórico, é um local em que todos devem colaborar entre si para resolver os problemas de forma pragmática e com o auxílio de manuais (OLIVEIRA, 2006).

Maria Montessori foi a primeira mulher a se formar em medicina na Itália, a sua contribuição com a educação é vasta e inovadora. A sua primeira contribuição foi em relação à educação das crianças com deficiência, consideradas na época como “idiotas”. Montessori percebeu que elas eram vistas como incapazes de qualquer coisa e que os métodos utilizados com as crianças eram os mesmos com os adultos. A partir de então, Maria Montessori começou a pensar em métodos que incluíam a criança deficiente na sociedade. Posteriormente, com o sucesso de sua experiência, o modelo educativo Montessori foi ampliado às crianças que não possuíam nenhum problema físico ou cognitivo pela própria pesquisadora. A sua teoria da aprendizagem engloba estas duas experiências e conclui que as crianças, chamadas por ela de “embriões intelectuais” desenvolviam a parte física paralelamente com a parte cognitiva, e que este desenvolvimento era dividido em quatro fases, que terminaria quando o indivíduo completasse 24 anos de idade. O objetivo da

educação segundo o pensamento Montessoriano é favorecer o desenvolvimento criativo da criança e ajudar para que ela seja independente e confiante. Neste processo o professor deve retirar os obstáculos que impeçam o desenvolvimento da criatividade e motivar os alunos preparando o ambiente. A intervenção do professor em outros casos deve ser solicitada pelo aluno, ou seja, não cabe a ele impor a sua autoridade. Desta maneira, Maria Montessori assegura que os princípios do seu método são três e devem acompanhar o ensino em todas as suas fases: A atividade tanto motora como cognitiva, exercida pelo aluno; a liberdade; e a individualidade (OLIVEIRA, 2006).

Os parâmetros educacionais da Escola Nova surgem no Brasil pretendendo inovar, mas não consegue atingir o seu objetivo devido a precariedade na formação de professores e, sobretudo a falta de recursos financeiros e ambientes escolares mal preparados. A pedagogia do Estado Novo visava, primeiramente, à expansão quantitativa de ensino, levando a escola a lugares inimagináveis para outros governos, como o sertão goiano. De fato, neste período foram dados passos para uma educação popular, mas o foco era a formação profissional básica e não a de um cidadão crítico e completo (PAIVA, 2003).

Florací Artiaga Mendes ressalta em seu texto que ao entrarem nos cursos de magistério a grande maioria dos estudantes não entende a necessidade de se ter “vocação” para lidar com o ensino de crianças. E também delimita a função dos formadores de professores:

Cumpre-nos a nós, professores de futuros professores que hoje cursam as Escolas Normais de todo o Estado, não simplesmente transmitir aos nossos alunos os conhecimentos que constituem a matéria ensinada, mas, principalmente, formar a sua mentalidade profissional, incurtir-lhes no espírito a ânsia do aperfeiçoamento constante na carreira e, acima de tudo, dar-lhes uma superior concepção de vida e de ideal que os oriente pela existência em fora e os faça vibrar de entusiasmo e de amor pela sua nobilíssima missão. (OESTE, 2001, p. 878)

No texto *Como Serei Quando for Professora*, escrito por Nair de Barros Amorim, possivelmente aluna de Florací Artiaga Mendes, é possível notar que o objetivo de educação ideal está associado ao sentimento de nacionalismo e aos preceitos da Escola Nova. Primeiramente, a autora afirma que, como professora, irá fazer de seus alunos homens dignos de serem chamados de brasileiros, já que terão uma educação completa abarcando atividades físicas, morais e intelectuais, e que visando o desenvolvimento harmonioso do corpo e do intelecto. À docente caberá sempre ficar atualizada sobre a pedagogia moderna e incentivar os

alunos a trabalhar coletivamente e não serem tímidos, mas participativos.

Em suas palavras: “Procederei, enfim, de acordo com a Pedagogia moderna, como procederá todo professor da Escola Ativa que anseia a pela felicidade de seus discípulos e pelo engrandecimento do seu país” (OESTE, 2001, p. 879). Neste trecho evidencia a vinculação da educação com o espírito nacionalista tão presente na época. Este mesmo nacionalismo também dialoga com o texto seguinte, e que possui o mesmo título, *Como Serei Quando for Professora*, escrito, desta vez, por Inez Godinho, supostamente outra aluna de Florací Artiaga Mendes, que conclui afirmando que trabalhará para construir a sua personalidade e fazer o bem para o Estado e para o País.

Ambas, apresentam concepções semelhantes: se identificam pela Escola Nova, possuem um forte nacionalismo e enfrentam a profissão como sacerdócio. Nair de Barros Amorim diz que “(...) Como verdadeiro sacerdócio exercerei o magistério e me esforçarei muito para dar calor e a força de um ideal ao meu trabalho” (OESTE, 2001, p. 879), e Inez Godinho “(...) ser educador corresponde a ser quase perfeito. Se uma pessoa comum necessita de virtudes, o mestre precisa ainda mais, além de muitas outras que requer esse verdadeiro sacerdócio” (OESTE, 2001, p. 880). Além disso, Inez Godinho acredita que o magistério é uma continuação da profissão de mãe. Merece destaque a vontade das duas serem professoras, manter a sala de aula como um local aconchegante e optam por não pararem de estudar. Inez Godinho afirma até que “Quando concluir o curso de normal não julgarei estar completa a minha educação. Pelo contrário, continuarei a estudar a-fim-de marchar pouco a pouco para o “ideal” dessa magnífica missão” (OESTE, 2001, p. 880).

Segundo Foucault (1987) a escola tem como função o disciplinamento dos indivíduos que a frequentam, os quais aprendem a respeitar as forças hierárquicas e a se conformar com a sua posição social. O objetivo das duas aspirantes a professoras é disciplinar, mas de forma acolhedora, ou seja, elas consideram as contribuições das psicologias educacionais, mas mantêm a estrutura da escola, a sua essência, que é semelhante a de uma prisão. Cada integrante da equipe escolar tem quem os observa e quem os pune, quem controla as suas atividades e os examina, cada um possui e mantém a sua função.

Conclusão

A Escola Nova foi representada por grandes educadoras na *Revista Oeste*, mas infelizmente não foi estabelecida de fato em nenhum Estado brasileiro. Faltou recurso, mão de obra capacitada e um código educacional que verdadeiramente orientasse a formação de professores e alunos durante o Estado Novo. Os ideais escolanovistas se misturaram aos ideais do Estado em seu pleno vigor nacionalista e aos ideais dos professores da época, cuja maioria era religiosa e possuíam a crença do magistério como uma missão que precisa de dedicação e amor.

Mesmo que o Curso Normal Superior tenha tentado combater o ensino tradicional das nossas escolas, que foi criado por meio do ensino catedrático e religioso, por meio da Escola Nova que visava aproximar o professor do aluno de maneira verticalizada, não houve uma resposta efetiva. A escola continua sendo um local de lutas constantes de poderes, de disciplinamento e de coerção.

Com o vazio deixado pela Igreja depois da expulsão dos jesuítas, pouquíssimas escolas religiosas continuaram abertas, e, o Estado não conseguiu suprir esta deficiência. No século XIX, segundo Nóvoa (1992), o magistério era frequentemente relacionado ao sacerdócio, o professor era visto como aquele que nasceu com o “dom” para seguir a “missão” de educar e não como um legítimo funcionário público. Com a criação do Ensino Normal o professor passou por transformações para serem reconhecidos como profissionais. A primeira delas foi à formação. O estabelecimento de um curso superior foi um grande desafio, já que os antigos professores, os padres, estavam proibidos de lecionar. O perfil do docente no início de seu reconhecimento profissional era voltado para mulheres que não eram nem muito ricas e nem muito pobres. A feminização do magistério é relacionada com a mentalidade de que a escola deve ser um complemento da casa, visto que acreditavam que elas por serem mães, possuíam o “dom” de cuidar já impregnado em sua essência.

O tradicionalismo prevalece nas escolas, durante: aulas expositivas que instigam apenas a memorização, no relacionamento vertical entre professor e aluno, em avaliações e atividades mal planejadas e que não ajudam o aluno a desenvolver a capacidade de criticar e contextualizar, durante atitudes autoritárias que diminuem cada vez mais o interesse em estudar da criança. A escola tradicional é para o aluno uma prisão, e, desta maneira, não pode ser um local onde a criança irá descobrir com autonomia o mundo em que atua. O planejamento educacional que deveria envolvê-lo acaba limitando o desenvolvimento das

habilidades das crianças.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

NÓVOA, António (coordenador). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Cacilda Lages. **Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica**. Dissertação de mestrado, CEFET-MG, Belo Horizonte-MG, 2006.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. Edições Loyola, 2003.

REVISTA OESTE: revista mensal. Goiânia: AGEPEL, 2001 (Reedição integral fac-similar virtual).

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, 2009, 14.40: 143.

SCHWAB, Mariana de Castro. **Os intelectuais no Estado Novo (1937-1945): a trajetória de Paulo Figueiredo e as Revistas Cultura Política e Oeste**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, 2000, 61-88.